

ÉTICA E SENTIDO EM HUMANISMO DO OUTRO HOMEM DE EMMANUEL LEVINAS

Sandro C. Sayão (1)

Resumo:

S em maiores complexidades, o texto que aqui apresentamos trata-se apenas de breves considerações a respeito da questão do humano no pensamento de Emmanuel Levinas, tendo por base sua obra *Humanismo do Outro homem*. É, nesse sentido, um texto introdutório, que busca considerações de fundo a respeito do sentido do humano no pensamento do autor, fato que se pode chamar de grande novidade ética a partir da responsabilidade fundada na e pela abertura ao absolutamente Outro.

O século XX está às voltas com a realidade fática do processo de rompimento e desagregação das certezas que se estabeleceram como pano de fundo no desenrolar do pensamento ocidental. Os otimismo do passado e as tentativas de harmonia e justiça caem sobre a égide de toda uma história marcada pela tentativa de eliminação e domesticação das diferenças, violência que se manifesta tanto na exclusão e na fome de dois terços da população mundial, na destruição das culturas e da natureza e na má distribuição de renda, como também nas múltiplas formas de categorização e assimilação da alteridade pelo Mesmo. Embora se promulgue as maravilhas das conquistas do mundo ocidental moderno, levados por uma crença tácita nos fins últimos da realidade que nos é dada, não há como negar a necessidade de se romper definitivamente com as estruturas de fundo que se desdobram em função do próprio poder de auto-afirmação de uma

¹ Mestre em educação Ambiental – FURG/RG, Mestre em Filosofia/PUCRS/POA, Doutorando em Filosofia PUCRS, Professor da Universidade de Caxias do Sul/RS

razão onipotente. As marcas da história deste fim de século XX e início de século XXI, da história do próprio desdobramento do poder da consciência e do Eu autofundante, são demasiadamente agudas para se poder negar a necessidade de um profundo reencontro crítico com as raízes do pensamento ocidental, raízes que se tornam berço gestor de uma forma de ver o mundo. Neste sentido, frente à arte de assimilação do Outro, como concretização radical do poder da racionalidade ocidental, que tem no desenvolvimento ilimitado do exercício da liberdade e na expansão infinita do poder da consciência, suas bases teóricas, frente a este trofismo da própria violência, a filosofia tem a responsabilidade de assumir a tarefa de contribuir vivamente com a ruptura do modelo de inteligibilidade que se funda na neutralização e assimilação da alteridade. E é exatamente, na tentativa de responder a isto, de dar uma resposta à altura ao problema ético, que situamos a filosofia levinasiana.

Levinas pretende uma filosofia inspirada na justiça antes que na verdade, uma filosofia que tem por referência não mais o imperialismo vitorioso da consciência e do Eu, mas o viés e a posição do vencido. Ou seja, ele desloca o centro da questão ética para a heteronomia que se instaura na relação com o Outro que permanece Outro, destituindo a primazia da identificação e liberdade do eu considerado como centro de tudo; assim, pode-se conceber uma forma efetivamente inovadora para o momento do encontro inter-humano. Neste sentido, seu pensamento se constitui como uma busca constante em prol de um novo sentido à Razão e assim à ética e de um novo modo de compreensão das relações intersubjetivas. Não obstante, para além da ênfase das filosofias do diálogo na medida em que requer priorizar uma nova noção de subjetividade e de significação, em que se trata do “sentido do Ser” ou do “sentido do humano”. Fato que se torna revolucionário e peculiar, pois propõe não apenas uma rearticulação ideológico-paradigmática da própria tradição, mas põe como condição primordial a substituição da Ontologia no papel de *prima philosophia*, num deslocamento que ergue a Ética como sentido maior e base para toda Questão. Pode-se dizer de sua filosofia que ela evoca um romper de fronteiras e limites da Razão, questionar os horizontes fenomenológicos, daquilo que é o visível e dado em todo saber, ou

seja, ela nos faz meditar e conduz a situações extremas em que não há espaço para diletantismos irracionistas ou mesmo meras especulações reflexivas.

Na base do seu pensamento está o *factum* da alteridade de outrem- como Infinito ético – que se constitui enquanto mistério, enquanto enigma, enquanto ‘acontecimento’ que não se permite categorizar, daí a igual importância de repensar a subjetividade. Com isto, Levinas abala as noções do pensamento que giram em torno de uma *egologia* estada no domínio *tout a court* do desconhecido. Ou seja, sua ousadia se volta enquanto crítica ao primado do Eu na racionalidade Ocidental, do imperialismo do Mesmo, lançando novas possibilidades à humanidade, abrindo a possibilidade do realmente novo (novum ético) na história. Fato que se torna incomum num tempo de repetições e novas roupagens do passado, onde nunca foi tão urgente fundamentar um pensamento ou filosofia “prática” e da ação, a quebrar a hegemonia da Totalidade concreta.

A proposta levinasiana de estabelecer a ética no papel de *prima philosophia*, coloca, deste modo, em questão não apenas a substituição da ontologia, do imperialismo do Eu e da consciência, mas supõe como suporte desta mesma tarefa a necessidade de criar um novo sentido – um novo “sentido do humano”. Ao colocar a Metafísica como filosofia que antecede a Ontologia, Levinas pretende opor-se incisivamente contra quase toda a tradição ocidental moderna, a quase toda filosofia posterior a Descartes que se desdobra sobre a supremacia da consciência autônoma, império do Eu constituinte; como também, a totalidade da história ocidental que se tem caracterizado em suas linhas mais amplas pela tentativa de neutralizar o poder desagregador do Diferente. Através do confronto com a tradição do pensamento ocidental moderno, Levinas pretende destituir o privilégio das formas anteriores de compreensão das relações intersubjetivas, onde o conhecimento aparece como anterioridade que se desdobra, segundo ele, em injustiça e violência. Neste movimento, surge, pouco a pouco, a transposição da idéia do ser-egoísta, egocêntrico, a um ser-para-o-outro, onde há o acolhimento do Outro e a eleição à responsabilidade pelo Outro.

Deste modo, a desconstrução proposta tem como fundo não só desagregar as bases da racionalidade moderna, mas a tentativa de estabelecer um novo ponto de partida que permita o acesso a um outro modo de compreensão do que se pode entender por humano. A crítica da ontologia tem, assim, a pretensão de não apenas questionar o histórico desdobramento livre e absoluto do Ser, onde se dá a neutralização das diferenças e singularidades e a própria redução do Outro ao Mesmo, mas propor uma inversão radical que tem por fundo a concretização do sentido do humano – além da permanência espontânea e livre no ser – ontologia.

No contexto em que seu pensamento se situa, onde a ineficiência das pretensões da racionalidade autofundante ensina a precariedade do conceito: homem², Levinas supõe não somente catastrófica como também tragicômica a pretensão do *animal rationale* a um lugar privilegiado no cosmos³, fato este, decorrente da idéia da infinita capacidade da consciência de abarcar e determinar a totalidade da vida. Há, assim, em sua obra uma constante recorrência à própria tradição, à própria estrutura do pensamento ocidental para indicar as raízes da violência e da injustiça que se fazem sentir de forma cada vez mais aguda. O desdobrar da liberdade sem fronteiras, da auto-afirmação do Eu, num eterno retorno ao mesmo do Ser como Totalidade, assume, segundo ele, a responsabilidade por aquilo que na história tem se configurado neste fim de século; entretanto a compreensão do pensamento do autor não pode parar aí. A desconstrução proposta, a destituição clara das estruturas da racionalidade moderna inspiram ao autor na busca de um sentido que possa se dar na multiplicidade.

Segundo ele, a absurdidade existente não consiste no não-sentido, mas no isolamento das significações inumeráveis, na ausência de um sentido que as oriente⁴. Levinas busca, assim, apontar para a necessidade de construir-se um modo de estar com o outro na adversidade, uma forma de interação em meio à indiferença

² Levinas, E. Humanisme de l'autre homme. 1972. Fata Morgana, Montpellier (1978). (De agora em diante HH) p.88

³ HH p.83

⁴ HH p.47

absoluta. Para o autor, a absurdidade tem a ver com a multiplicidade na indiferença pura⁵, tem a ver não com a falta de uma univocidade, mas com a ausência de um sentido dos sentidos, tem a ver com a ausência de uma Roma para onde convergem todos os caminhos, a sinfonia em que todos os sentidos se tornam cantantes, o cântico dos cânticos⁶. Deste modo, ele constrói, ao longo de suas obras, um outro sentido à subjetividade, não mais apenas num nível gnosiológico, mas num nível ético, que se funda no acolhimento de outrem enquanto diferença, enquanto dimensão de infinitude, enquanto rosto que se apresenta e responsabiliza o Mesmo, momento este onde verdadeiramente se dá o humano. É no acolhimento, na responsabilidade por outrem, no que se pode chamar de sabedoria do amor ao invés de um amor pela sabedoria, que se dá o sentido do humano. A fragilidade do Outro., as sutilezas do olhar do absolutamente Outro, convoca a interidade constituída a uma nova história de responsabilidade, nos melhores indícios do ser-para. Fora disso, nada mais há do que um animal racional, de posse de suas faculdades, mas que se encontra perdido na indiferença, limitado pela necessidade de poder no trofismo pleno de sua liberdade. Nesta anterioridade, o humano ainda não se instalou, o sentido de humano ainda não vigora. Há apenas possibilidade, que ainda não se concretizou. A interioridade aí encontra-se presa nas teias da fruição, isenta de qualquer responsabilidade pelo outro. É somente a partir do trauma do Outro, do encontro inusitado e inesperado que as cercanias do ser são abaladas, surgindo algo que ultrapassa e extravasa as expectativas iniciais, na possibilidade de inaugurar uma nova história que tem no acolhimento ético seu acontecimento primeiro.

Assim, Levinas não pretende criar mais uma ética, que apenas se somaria a tantas outras já existentes, mas indicar o caminho que possa conduzir, mesmo na adversidade e na multiplicidade, ao entendimento, ou seja, ele tenta fundar a dignidade do humano no *ser-para*. Segundo Pivatto, em Levinas se aponta para a *urgente necessidade de repensar a ordem do humano e sua dignidade*⁷. Para os que não conseguem conviver com a diferença, para os que não são

⁵ HH p.47

⁶ HH p.46

capazes de acolher Outrem, ou mesmo, voltar-se à heteronomia, Levinas aponta o caminho que emerge do olhar que provém do outro. Sua filosofia acentua, assim, o *ser-para*, o estar-se voltando para o outro como justiça, numa história de desinteressamento, que não espera retorno, que sai mas não retoma. Desta forma, o sentido como orientação não espera retorno porque não procede da necessidade. A necessidade abre-se para um mundo que é para mim e acaba por retomar a si⁸. Ela é ainda um “mal do retorno”, ela é ainda nostalgia no mal de retornar a si com vistas à assimilação do mundo, egoísmo, que tem por pretensão a sua felicidade. Levinas contrapõe à esta idéia o Desejo, o desejo do outro, o desejo luxuoso que procede de um ser já satisfeito que se institui num ser que não carece de nada: segundo ele, o desejo revela-se como bondade⁹. Essa orientação para o outro, segundo Levinas, é o sentido. É a direção para Outrem que se institui, que se apresenta como sentido. Ele é primordialmente o sentido, o sentido do humano¹⁰.

BLIBIOGRAFIA

LEVINAS, E. *Totalidade e Infinito*. Trad. por José Pinto Ribeiro, Lisboa: Edições 70, 1988.

_____. *Ética e Infinito*. Trad. por João Gama, Lisboa: Edições 70, 1988.

_____. *Entre nós: Ensaio sobre a alteridade*. Trad. ppor Pergentino S. Pivatto e outros. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

_____. *Humanismo do Outro homem*. Trad. por Pergentino S. Pivatto e outros. Petrópolis, RJ. Vozes, 1993.

⁷ Pivato. P. Revista Veritas nº 147 setembro 1992 p.357

⁸ HH p. 55

⁹ HH p.56

¹⁰ HH p.57